Para todos os leitores que me acompanharam,
a mim, ao Luc e ao Oliver, nesta viagem.

PRIMEIRA PARTE

VERÃO / OUTONO





Para dizer a verdade, nunca tive dificuldade em entender o propósito das festas de aniversário infantis: são para as crianças. Não para que os pais adultos convidem os seus amigos adultos, mesmo que esses amigos adultos não tenham filhos. Porque, para os adultos, as festas de aniversário infantis são uma seca de merda. Não podemos dizer palavrões. Não podemos pinar na casa de banho. Não podemos apanhar uma tosga, uma moca ou perder os sentidos num canto. Não podemos fazer nada daquilo que faz com que as festas sejam suportáveis.

Pensando bem, talvez eu nunca tenha gostado de nenhum tipo de festa. Sempre soubera que a minha fase de fodilhãozinho de discoteca a meio da casa dos vinte tinha sido autodestrutiva. Mas nunca me passara pela cabeça que pudesse estar a tentar exasperar-me até à morte.

— Estás a odiar cada segundo disto, não? — perguntou o Oliver, a fazer-me sentir ao mesmo tempo compreendido e ridicularizado.

— De maneira nenhuma. Adoro dar por mim rodeado de bolinhas de ranho e caos.

Ele brindou-me com um sorriso exaspertido.

— Os miúdos estão apenas numa fase do desenvolvimento que lhes dificulta o controlo do fluxo nasal. Não há razão para… epá! — Com típica perícia oliveriana, ele agarrou numa criancinha transviada que, sabe-se lá como, deitara a mão a uma tesoura assustadoramente grande e afiada. — Isto não é para ti.

— É, sim — protestou a criança num tom caótico, talvez até com o seu quê de troça e ranhoca pelo meio. — Encontrei-a. Portanto, é minha.

Apartando habilmente a criança do objeto, o Oliver virou a tesoura ao contrário e segurou-a com as lâminas cuidadosamente encostadas ao antebraço.

— Ao contrário da crença popular, a posse não representa, de facto, nove décimos da lei.

Antes que a aula de Jurisprudência para Crianças de Seis Anos de Oliver Blackwood pudesse começar a toda a força, fomos interrompidos pelo Ben, do casal Ben-e-Sophie, um dos muitos casais heterossexuais que, de alguma forma, passaram a ser meus amigos por terem estudado na universidade, há uma década, com o homem por quem estou apaixonado. Como sempre, o Ben era todo um metro e setenta e oito de puro stresse e tinta para dedos, enfiado numas calças de ganga de papá e numa camisa de cores berrantes.

— Meu Deus! — exclamou ele. — Luc, Oliver, algum de vocês viu o Gémeo A passar por aqui com uma arma a sério?

O Oliver virou-se ligeiramente, deixando ver tanto a arma como o gémeo.

— Mas que… graças a Deus! — O Ben olhou para o filho com uma expressão que era só um pouco aflita demais para ser severa. — O que é que te passou pela cabeça? Onde é que foste buscar isso?

O Gémeo A contorcia-se inutilmente sob o braço do Oliver.

— Estava no guarda-roupa grande, na prateleira de cima, lá no fundo, dentro da caixa, que estava dentro da outra caixa, mas eu encontrei-a. E então — tentou lançar um olhar fulminante ao Oliver, mas não conseguiu virar o pescoço o suficiente — *ele* roubou-ma.

— Tu roubaste-a primeiro — apontou o Ben. — E alguém podia ter-se magoado.

— Tecnicamente — disse eu, canalizando o meu Oliver interior, que infelizmente tinha um discernimento muito pior do que o Oliver da vida real —, ele limitou-se a deitar-lhe a mão sem consentimento.

Com um pontapé triunfante, o Gémeo A desenvencilhou-se do Oliver.

— Estás a ver? É minha.

O Ben pegou-lhe na mão com uma agressividade paternal.

— Nada é teu. És uma criança.

— Isso não é justo.

— Pois, a vida não é jus… — O olhar do Ben voltou-se para o Oliver e para mim. — Merda, estou a transformar-me na minha mãe.

— O papá disse *merda*! — gritou o Gémeo A, soltando-se e saindo a correr da cozinha. — Mamã, o papá disse *merda*!

— Merda — suspirou o Ben. — É melhor eu… — Algo brilhante e veloz chamou-lhe a atenção através da janela da cozinha. — Meu Deus, será que aquilo é o Gémeo B? Pareceu-me que tem fósforos.

Enquanto ele ia atrás dos filhos, o Oliver e eu ficámos por nossa conta, ao som da alegre algazarra de crianças numa festa interrompida pelos gritos do Ben: «Não, isso é uma coisa para os adultos!» e da Sophie que acrescentava: «Podes cometer incêndio criminoso quando fores mais velho.»

— Sabes — disse eu ao Oliver —, eu era um tipo fixe antes de te conhecer. Fazia cenas fixes.

— Fazias? — O Oliver alçou uma sobrancelha, como quem não acreditasse no que eu estava a dizer. — Se bem me lembro, na primeira vez que nos encontrámos, ignoraste toda a gente e passaste a noite inteira a falar com a Priya na cozinha; na segunda vez, estavas podre de bêbedo; e na terceira vez, num encontro a sério, fingiste que sabias falar francês para me impressionar ou para me irritar. Ainda não consegui descobrir qual das duas.

Fiz aquela coisa embaraçosa que fazemos quando estamos com alguém há muito tempo e, naturalmente, aproximamo-nos cada vez mais, como os dois últimos *Maltesers* do pacote.

— Então, o que estás a dizer é que na primeira vez eu estava entretido com a minha amiga artista extremamente interessante, na segunda vez revelei-me sexymente autodestrutivo e na terceira portei-me como um verdadeiro homem de mistério.

— E olha para ti agora. — Rendendo-se ao seu *Malteser* interior, o Oliver puxou-me para perto. — Completamente estragado pela felicidade doméstica.

— Eu sei. É horrível. Como é que te atreves a fazer-me feliz?

Ele esticou-se e beijou-me de um modo doce e totalmente apropriado para uma festa de aniversário infantil.

— Como é que te atreves a fazer-me feliz também?

Tive uma daquelas coisas em que nos vemos de longe, de cima ou através dos olhos de um alguém que já fomos.

— Porra — disse. — Somos mesmo repugnantes.

— Se te serve de consolo — murmurou ele, sem que aqueles olhos suaves e prateados se desviassem dos meus —, estou prestes a fazer-te sofrer outra vez.

— Vais dizer que temos de *circular*, não é? Ser *sociáveis*. Apoiar os nossos amigos.

— Nem precisei de o fazer. Só tive de te induzir a dizê-lo por mim. — Com grande cerimónia, tirou um chapéu de festa arco-íris brilhante de uma pilha de chapéus de festa arco-íris brilhantes e prendeu-mo na cabeça. O elástico ajeitou-se-me atrás das orelhas de uma maneira que imediatamente me incomodou, uma vez que me ia deixar parecido com o Príncipe Charles. O Rei Charles. Porra, estávamos juntos há já dois monarcas e sabia Deus quantos primeiros-ministros. — Vamos lá.

Ele pegou-me na mão de um modo meio carinhoso, meio autoritário, que, noutras circunstâncias, eu teria adorado, e levou-me para o jardim. A primeira coisa em que reparei naquela linda tarde de agosto para a qual ele me levara foi que nenhum outro adulto estava com um chapéu de festa.

Além de mim, com o meu ar de cretino, o jardim também contava com crianças eufóricas, a correr de um lado para o outro com aquela intensidade que temos quando o mundo é grande demais, as pernas são curtas demais e não temos de nos preocupar com impostos, nem hipotecas, nem com o facto de que um dia, garantidamente, havemos de morrer. Espalhados entre elas, estavam os típicos adereços de uma festa de aniversário de crianças: balões, tábuas apoiadas em cavaletes que faziam as vezes de mesas, repletas de toda a espécie de comida, e pequenos grupos de adultos em diversos estágios de borrifanço.

Seguimos em direção ao grupo mais próximo, que consistia na Jennifer e no Peter, do lado do Oliver, e nos James Royce-Royces, do meu. Eu tinha a esperança de que aquilo fosse um bom sinal da estabilidade da minha relação com o Oliver, visto que não só os meus amigos

estavam a tornar-se amigos dele, e os amigos dele a tornar-se meus, como também os meus amigos pareciam estar a tornar-se amigos dos amigos dele. Ou talvez fosse apenas que todos nós nos tivéssemos transformado num bando de trintões com empregos e responsabilidades.

— Como é que isso vai? — perguntou o Oliver. — Parece que se passou uma eternidade. — Estava a dirigir-se ao grupo todo, mas direcionou a pergunta um *pouco mais* para a Jennifer e o Peter. E era por isso que eu estava feliz por ter levado o Oliver. Porque ele sabia como dizer *Olá, não nos vemos desde a vossa última tentativa frustrada de fertilização* in vitro sem parecer um completo idiota.

— Não vai mal — respondeu a Jennifer com um assentir de cabeça tipicamente *britânico*. — Muito trabalho. A tentar convencer um *think tank* de que não se combate o tráfico humano criminalizando o ato de ser traficado.

— Ao passo que eu — acrescentou o Peter com a sua habitual secura — estou a ilustrar um livro sobre um sapo que aprende a partilhar as suas moscas com outros sapos.

Entretanto, o James Royce-Royce contemplava o emaranhado de criançada com o êxtase concentrado que antes reservava para uns quaisquer pombos perfeitamente assados e que agora reservava para pombos perfeitamente assados e para o seu filho.

— Olhem só para ele — exclamou. — Montado naquele triciclo como um campeão.

Como era mais fácil do que não olhar, olhei e vi o Bebé J montado num triciclo de forma perfeitamente adequada. Todavia, já tinha aprendido a não dizer nada que sequer se assemelhasse a tal coisa.

— Uau — disse eu em vez disso. — Vejam só.

— A elegância — declarou o James Royce-Royce. — O estilo. O *élan*.

O Bebé J virou o guiador para a esquerda e avançou decididamente para cima de um monte de areia.

A expressão de admiração do James Royce-Royce não se alterou nem por um nanossegundo.

— Vejam só. E agora está a explorar.

— Ele está de cabeça para baixo — disse o James Royce-Royce. O segundo James Royce-Royce. Aquele que era casado com o primeiro James Royce-Royce. Era uma grande confusão.

— Que resiliência. — O James Royce-Royce sacou do telemóvel e começou freneticamente a deslizar ecrãs. — É capaz de ser um importante marco no seu desenvolvimento.

— Ele está de cabeça para baixo — disse de novo o James Royce-Royce.

— Ele está… — Por um breve instante, a realidade penetrou as defesas do James Royce-Royce. — Ah, sim, talvez ele precise de uma *ajudazinha*. — E, tal como o Ben antes dele, o James Royce-Royce tratou de ir certificar-se de que o seu filho perfeito e maravilhoso não continuava a ser perfeito e maravilhoso com a cabeça enfiada na areia.

Por um instante, ficámos todos presos numa espécie de estase, a ver o James Royce-Royce tentar, à força, pôr o Bebé J em pé.

— Uau — disse eu, por hábito. — Vejam só.

— Qual deles? — perguntou o Peter, enquanto o Bebé J, tendo aparentemente descoberto o seu avestruz interior, se livrava dos braços do James Royce-Royce e voltava a virar-se de cabeça para baixo.

— Ambos?

Depois disso, mergulhámos num silêncio ainda mais profundo e confrangedor. E, de um modo geral, eu nunca teria contado com o James Royce-Royce (o outro James Royce-Royce) para ser o lubrificante duma qualquer enrabadela social, porque aquele homem era tão taciturno que, quando os empregados de mesa lhe desejavam um bom apetite, nunca dizia por acidente: «Igualmente.»

Todavia, para surpresa de todos, ele lançou um olhar inquisitivo à Jennifer e ao Peter.

— Desculpem. Isto é muito mau para vocês? Acho que o James há de ter miolos de criança durante os próximos quinze anos, pelo menos.

A Jennifer encolheu os ombros.

— Não tem importância. Sabes, tivemos uma longa discussão para decidir se íamos cortar por completo com todos os nossos amigos ou se íamos aceitar que, às vezes, as pessoas podiam falar sobre crianças à nossa frente.

— Eu era a favor de cortar por completo — acrescentou o Peter. — Quer dizer, o que é que perdíamos?

— Perdiam… — ainda comecei, mas parei, em parte para efeito cómico e em parte porque precisava de muito mais bebida e/ou terapia

para conseguir dizer coisas positivas sobre mim mesmo espontaneamente.
— Para dizer a verdade, tens razão. Deviam cortar por completo.

— Bem — a Jennifer não estava propriamente a sorrir apesar da dor, mas provavelmente estava a disfarçar com um sorriso irónico —, se mais algum de vocês se lembrar de ter filhos, talvez tenhamos de o fazer. Estamos a começar a levar isto para o lado pessoal.

O Oliver estava com aquele ar de quando estava prestes a revelar o seu lado secretamente mauzinho. Era um olhar que dizia *És uma má influência para mim, Lucien*, e eu adorava.

— Não tenho a certeza se os gémeos contam como filhos. Acho que a Sophie os deve ter arranjado num dos seus habituais pactos com o diabo.

Parte da tensão desapareceu dos olhos da Jennifer e ela riu-se.

— Como bónus ou como castigo?

— Provavelmente, como bónus. Nem mesmo Lúcifer conseguia enganar a Sophie.

Só que agora a Jennifer estava de novo com uma carranca. Uma daquelas carrancas complicadas, em que se tornava difícil saber o motivo da irritação e até mesmo se ela o sabia.

— Desculpem, devo estar a parecer azeda e ressentida.

— *Todos* nós temos um ressentimentozinho da Sophie — disse o Oliver, embora definitivamente não o tivesse, visto que não tinha um pingo de ressentimento de quem quer que fosse. — Afinal, ela é um ser humano completamente terrível de quem, não obstante, gostamos muito.

— E além disso — o Peter deu um ligeiro empurrão na Jennifer com o ombro —, podemos sempre passar os nossos últimos anos a LARPar[1] com o Brian e a Amanda.

— Podem fazer o quê com eles? — perguntei. — Sem querer julgar ninguém, mas isso é uma daquelas coisas de gente hétero, tipo, *swing* de casais? Ou *swing* dançante?

— Eu também nunca consegui perceber muito bem — admitiu a Jennifer. — Acho que é acampar e usar disfarces.

[1] Live Action Role Play, em inglês. Um jogo de interpretação de papéis, no qual um grupo de pessoas encena uma situação fictícia (como uma aventura de fantasia) em tempo real, geralmente sob a orientação de um organizador. (*N. do T.*)

— Bem, se tivéssemos ido com eles neste fim de semana — disse o Peter, visivelmente aliviado por não terem ido —, tínhamos ficado a saber.

A expressão da Jennifer tornou-se outra vez irónica.

— Talvez tenhamos de alinhar nisso um dia. Começo a perceber que todas aquelas vezes que o Brian e a Amanda disseram que detestavam crianças, estavam mesmo a falar a sério; como tal, se quisermos voltar a vê-los, talvez tenha de ser alguma coisa num ambiente isento de crianças.

— O Brian e a Amanda nunca nos convidaram para LARPar — disse o Oliver, com um quê de desagrado.

— Oliver — disse-lhe eu —, eles já me conhecem. Tu convidavas-me para LARPar? Eu ainda nem percebei o que é e já sei que havia de ser péssimo nisso.

O Oliver manteve o maxilar teimosamente cerrado.

— Não deixa de ser uma questão de educação convidar as pessoas.

— Cá para mim — a Jennifer tinha um brilho no olhar que bem podia ser a versão *offline* de uma cara de *troll* —, desconfio que o principal motivo para vocês não terem sido convidados para o acampamento mágico é que o Brian e a Amanda não têm a certeza do lado a que vocês pertencem.

— O quê? — perguntei. — Tipo *orcs* contra elfos ou qualquer coisa do género?

— Tipo crianças *versus* nada de crianças.

Lembrei a mim mesmo que a Jennifer estava a passar por um momento difícil e também que ela e o Oliver se conheciam há muito tempo, pelo que ela já tinha penado bastante com isso. Por outro lado: alerta vermelho, pânico total, que porra é esta, não estou pronto para pensar nisto agora.

— Hum — limitei-me a dizer.

O Oliver, claro, lidou com a situação com toda a desenvoltura. Com uma desenvoltura enorme. Uma desenvoltura tão grande que chegava a ter o seu quê de nada prática:

— Como em muitas, muitas outras escolhas na vida — e também adotou o seu tom de advogado —, parece-me muito importante não ver as crianças como se pertencessem a lados opostos.

— Isso significa que vocês querem ter crianças — declarou o Peter.

— Hum — disse eu. — Ahhhh.

Felizmente, o Oliver ainda continuava com desenvoltura para dar e vender.

— Parece-me que hás de descobrir, como em muitas outras escolhas da vida, que eu quis dizer exatamente o que disse.

— Desculpa. — Os ombros da Jennifer descaíram. — Não devíamos estar a descarregar em ti. Eu sei que vai contra a tua ética extremamente admirável falar mal dos outros pelas costas, mas isto é tão típico do Brian e da Amanda.

Não era a altura certa para me sentir um pouco bem porque o Oliver às vezes punha em questão a sua admirável ética quando estávamos sozinhos. Mas, mesmo assim, senti-me bem.

O Peter suspirou.

— É como se eles estivessem a torcer para que tivéssemos problemas para que pudéssemos passar para o lado deles. E agora passámos, estamos tristes e eles estão a aproveitar-se da situação.

— Parece-me… — o Oliver tinha substituído a sua *voz de advogado* pela de *amigo muito próximo* — que eles estão a tentar apoiar-vos à maneira deles.

— Bem, a maneira deles é péssima — retrucou a Jennifer, com uma infantilidade que eu respeitava profundamente. — Eu sei que eles basicamente estão a dizer: «Vocês não têm de querer isto», e isso pode até ser útil para certas pessoas em certos contextos. Mas a questão é que eu quero, *sim*, e não estou pronta para desistir de querer. É só que, agora, eu… eu não sei.

— Jenbee… — O Peter abraçou-a daquela maneira que usamos quando alguém de quem gostamos muito está a sofrer por causa de uma coisa que não podemos controlar. — Isto não é só uma coisa tua. Existem sempre outras opções, entre as quais viver numa tenda com o Brian e a Amanda está lá bem, bem no fim da lista.

O descaimento que começara por se manifestar nos ombros da Jennifer estava a espalhar-se-lhe pelo corpo todo.

— Eu sei, eu sei. Temos as barrigas de aluguer, a adoção ou… ou… o sequestro.

— Acho que podíamos levar um destes — sugeriu o Peter, inclinando discretamente a cabeça na direção do grupo de pequenitos. — Ninguém havia de dar por isso antes, pelo menos, das quatro da tarde, e por essa altura já havíamos de estar a milhas e eles nunca haviam de nos encontrar.

O Oliver alçou uma sobrancelha com um ar irónico e, pela primeira vez, não me incomodou que ele o fizesse para outra pessoa.

— É verdade. Os amigos do Ben e da Sophie não saem de Kensington se o puderem evitar.

— Já nem sequer vivemos perto de um Waitrose — acrescentou a Jennifer. — Eles estavam tramados.

Esfregando as mãos com simulado entusiasmo, o Peter começou a avaliar as crianças de uma forma que, quero deixar bem claro, era satírica.

— Muito bem. Qual delas é que levamos?

— Não o Bebé J — disse o James Royce-Royce. — Eu nunca mais havia de ter sossego.

— E eu não recomendo os gémeos. — Bem, O Oliver estava a alinhar. Havia poucas coisas que ele não fizesse para ajudar os seus amigos. — Eles fizeram-me questionar genuinamente a minha crença no conceito de mal ontológico.

— Então e aquele ali? — O Peter apontou com o cotovelo. — Tem estado a tentar enfiar uma azeitona no nariz há três minutos. Nem consigo imaginar que os pais deem pela falta dele.

— Nem pensar — disse a Jennifer. — Prefiro ir viver numa tenda.

— Pessoalmente — começou o Oliver, e eu senti-me simultaneamente tranquilizado e apavorado por ele estar tão pronto a ter opiniões sobre o assunto —, eu escolhia aquela ali sentada na beira da fonte a ler o livro do Terry Pratchett.

A Jennifer abraçou-se, com os olhos a brilhar.

— Ah, ela é perfeita. Adoro crianças que odeiam outras crianças.

Em circunstâncias normais, este tipo de conversa insensível seria exatamente o que eu teria criticado com toda a veemência, mas ainda estava a fazer um grande esforço para não me deixar levar pela minha própria insegurança em relação a toda aquela história de *tu e o teu parceiro,*

agora inegavelmente de longa data, já estão a pensar em ter filhos? Noutros tempos, eu, assim como todas as outras pessoas que não eram mulheres cis heterossexuais, estaria a salvo deste tipo de coisa. Pois é, este era o problema da igualdade. Aparentemente, se dissermos a uma sociedade que não está certo tratar um grupo de pessoas pior do que outro, a dita sociedade considera cuidadosamente a situação, avalia as suas opções e, então, começa a tratar todos igualmente mal.

E o pior é que eu e o Oliver já tínhamos falado várias vezes sobre isto. Eu só não estava pronto para imaginar o meu futuro doméstico com os filhos dos outros, pelo que me retirara educadamente da questão. Bem, para dizer a verdade, retirara-me sem nenhuma educação, sendo que os meus amigos eram demasiado educados para me dar nas orelhas. Claro que isto me deixava sem nada que fazer numa festa de crianças, o que era muito pior do que estar sem nada que fazer e *não* numa festa de crianças. Durante uns treze segundos, fiquei a ver alguém que calculei ser um homem de chapéu alto, e que custara uma fortuna ou uma pechincha, lançar um jato de bolhas cintilantes sobre a cabeça de trinta indiferentes crianças de seis anos. Uma pena, porque normalmente até acho que umas bolhas melhoram qualquer evento. Mas, pensando bem, de acordo com a minha experiência, os eventos que elas realmente tinham melhorado envolviam uma piscina de adultos seminus sob o efeito de *poppers*.

— Tarquin — soou uma voz algures no relvado —, para de pôr húmus no cabelo da Petunia.

Meu Deus, eu estava no inferno. Como tal, fiz o que sempre fazia quando estava no inferno: fui espojar-me na minha infelicidade com a Priya. Ela estava sentada numa manta, cercada de paletas e pincéis de maquilhagem e, antes que eu pudesse sequer dizer um «Credo, isto é um horror!», uma menininha passara por mim a correr para se ir ajoelhar à frente da Priya e afirmar que agora era a vez dela.

— Claro que é — disse a Priya, lacónica como sempre, mas de uma forma que me fez sentir um pouco frustrado, como se me visse impedido de me espojar na dita infelicidade. — O que é que queres ser?

— Um tubarão — respondeu a menina com mais convicção do que eu alguma vez tinha respondido a qualquer coisa em toda a minha vida. — Porque o meu irmão tem medo de tubarões.

Pareceu-me uma boa oportunidade para agir como um adulto.

— Isso não me parece muito simpático — experimentei dizer.

A menina deitou-me aquele olhar de *levo muito a mal essa tua falta de compreensão* que eu estava habituado a ver em crianças.

— O meu irmão não é muito simpático.

— Olá, Luc. — A Priya já estava a juntar as cores para o seu tubarão, uma mistura de azuis, cinzentos, brancos e, preocupantemente, vermelhos. — E a cara é dela, a escolha é dela. Que tipo de tubarão queres ser?

— Um tubarão fantasma que vive debaixo da cama e que te arranca a mão com uma dentada se essa mão sair de debaixo das cobertas durante a noite.

— Estás a ver se dás pesadelos ao teu irmão? — perguntei.

— Sim — responderam a Priya e a menina ao mesmo tempo, a Priya acrescentando: — *Obviamente*.

Olhei para ela com desconfiança.

— Isso não é só um pouco irresponsável?

A Priya sorriu como um tubarão fantasma que vive debaixo da cama e que te arranca a mão com uma dentada se a mão sair de debaixo das cobertas durante a noite.

— Os filhos não são meus. O problema não é meu.

— Eu nunca quis um irmão — explicou a menina com tristeza. — Eu queria uma chinchila.

E foi assim que o dia em questão se juntou à longa lista de dias em que eu não soube desistir quando ia à frente.

— Um irmão não é melhor do que uma chinchila?

— Não — responderam a menina e a Priya, mais uma vez em uníssono.

— As chinchilas conseguem saltar quase dois metros — continuou a menina. — O meu irmão não consegue saltar quase dois metros.

Após reunir os seus diversos apetrechos de transformação tubaral, a Priya começou a aplicar uma camada base de azul-prateado.

— Eu sempre soube que havia uma razão para não gostar de rapazes.

— Por falar em não gostar de rapazes — comecei, naquilo que até eu percebi ser uma tentativa merdosa de mudar de assunto —, onde é que andam as tuas amigas?

— A Theresa já teve de aturar miúdos. A Andi é alérgica a crianças. Portanto, elas estão — a Priya hesitou por um nanossegundo — *a fazer compras no IKEA*, e eu estou aqui.

— Parece-me que foste tu quem saiu a perder nessa história.

— Luc, está tudo bem. Posso ir ao IKEA quando quiser.

Encarei-a, a pensar quem seria aquela mulher e o que teria feito à Priya.

— Estás a dizer que escolheste deliberadamente pintar caras, de graça, numa festa infantil em vez de uma longa, luxuosa e estranhamente intensa ida ao IKEA numa tarde de sábado?

— Pareces estar muito por dentro das minhas idas ao IKEA. Mas, sim. — A Priya encolheu os ombros. — Isto é divertido. Eu adoro crianças. Sou uma espécie de tia da Mãe Natureza.

— Quem me dera que fosses minha tia — disse a menina, cuja nova identidade como tubarão fantasma que vive debaixo da cama e que te arranca a mão com uma dentada se a mão sair de debaixo das cobertas durante a noite estava a ganhar uma forma definitiva e perturbadora. — A minha tia é a Bethany, e ela é horrível.

— Porque é que ela é horrível? — perguntou a Priya.

— Porque é e pronto.

A Priya fez uma careta.

— Ui, isso é o pior tipo de horrível.

— Para que fique registado — disse eu, interrompendo a criança como o cabrãozinho elegante que era —, estou a sentir-me bastante traído com isto.

— Já te vou pintar a seguir.

A falta de tempo da Priya para as minhas palermices era a base de todo o nosso relacionamento e, em teoria, eu gostava.

— Tu devias ser a pessoa com quem eu me queixo dos outros. E não posso fazer isso se tu estiveres a divertir-te.

A menina não parava de olhar alternadamente para nós, de uma maneira que dificultava um pouco que a Priya pudesse concretizar o tubarão-fantasma que tinha em mente.

— Ele é teu namorado?

— Não — respondeu a Priya. — Nós os dois somos mega *gays*.

— Está bem — disse a menina. — O meu tubarão-fantasma pode ter sangue nos dentes por causa de todos os irmãos mais novos que já comeu?

A Priya apontou para a sua vasta coleção de vermelhos.

— Já vou bem à tua frente, pequena.

— Traído — repeti.

— Não sei o que te dizer, Luc. — Sem sequer olhar para mim, a Priya começou a desenhar os dentes enormes que muito provavelmente fariam com que um miúdo desavisado se mijasse de medo mais tarde. — Passei a ser feliz. Aceita. — Grande merda, era mesmo isso, não era? — E — acrescentou num tom beligerante —, caso te tenhas esquecido, tu também.

— Mas isso não fez de mim uma pessoa melhor.

— E também não fez de mim uma pessoa melhor. Sempre fui uma pessoa fantástica e sempre gostei de crianças. Tu apenas nunca percebeste porque és profundamente egoísta.

— Então! — protestei. — Isso é completamente… justo.

— Além disso — a Priya era a santa padroeira do *arreia-lhe agora que ele está no chão* —, só estás a passar-te por causa de amanhã.

Não estava nada.

— Não estou nada.

— O que é que vai acontecer amanhã? — quis a menina saber.

A Priya assumiu um ar muito, muito sério — como a idiota chapada que fiquei feliz em perceber que ela ainda era capaz de ser.

— Amanhã, o Luc e o namorado dele vão fazer uma coisa enorme. Enorme mesmo. Uma coisa que vai mudar a vida deles para sempre. Nada há de ser como antes para eles depois de amanhã.

— Não é nada de especial — murmurei.

— Não foi isso que disseste quando me ligaste na semana passada. Às três da manhã.

— Isso foi na semana passada — disse-lhe eu. — Agora, é diferente. Agora, tenho outra perspetiva. — Respirei fundo. — E estou bem.



Eu não estava bem. Estava longe de estar bem. Estava com frio, a suar, agoniado e, mais uma vez, a ligar às minhas amigas às três da manhã.

Mas não à Priya. Não era uma situação do tipo *Confronta-me com as minhas mentiras.* Era mais uma situação do tipo *Finge carinhosamente que as minhas mentiras são um valioso adubo para o teu jardim.*

— Olá — disse a Bridge, sonolenta. — O que é que se passa?

Lembrei-me de uma coisa da qual me devia ter lembrado dois acessos de pânico mais cedo.

— Merda, estás grávida.

— Estou grávida há nove meses, Luc. Só deste por isso agora?

— Não, quer dizer, tu estás grávida, pelo que eu não devia estar a ligar às três da manhã.

— Não penses nisso — bocejou a Bridge. — Eu já estava acordada, de qualquer maneira.

— Não estavas acordada de qualquer maneira.

— Estava prestes a estar. Tenho a certeza de que estava prestes a estar. Tu estás bem?

Bem, estávamos a meter-nos num dilema ético. Por um lado, mentir aos amigos era errado. Por outro lado, descarregar as minhas ansiedades numa mulher grávida também era errado. E, por outro lado ainda, ou talvez apenas pelo mesmo outro lado, o erro se calhar começara quando eu tinha instintivamente ligado a uma mulher grávida a meio da noite.

— Estou.

— Estás a ligar-me às — uma pausa enquanto ela verificava as horas — duas e quarenta e sete da manhã de um domingo para me dizer que estás bem…

— Sim?

— És um péssimo mentiroso, Luc — disse a Bridge. E parecia genuinamente magoada. — Além disso, não me devias mentir.

— Estou sempre a mentir-te.

— Sim, mas não a respeito de coisas assim. Não fingimos que estamos bem quando não estamos.

Fiz um esforço enorme para parecer bem-humorado.

— Mas estou. Senão, havia de estar completamente disfuncional.

— *Comigo* não, coração — disse ela. E tinha razão. A Bridge nunca me deixara usar a desculpa do *está tudo bem*, e não ia começar agora. — Estás a tentar proteger-me porque estou grávida e isso é… isso é desumanizante. E provavelmente é misógino também.

— Provavelmente?

— Eu estava a dar-te espaço de manobra para te poupar os sentimentos. Porque sou uma *boa amiga.*

E era mesmo. Embora eu não tivesse a certeza absoluta de que esta conversa específica tivesse sido um exemplo magistral de boa-amiguice da nossa parte.

— Bridge, não é nada de mais. Tens de olhar por ti e tens de me deixar fingir que sou um ser humano minimamente decente que não incomoda as pessoas com as suas merdas quando elas estão a tentar lidar com momentos importantes da sua vida.

— Mas — a Bridge soltou um pequeno suspiro — não é justo excluíres-me das tuas merdas só porque estou a viver um momento importante da minha vida. Não posso deixar que esses momentos importantes atrapalhem a minha vida. E já perdi o aniversário dos gémeos porque as minhas águas rebentaram.

Naquela ocasião, eu presumira que a tendência da Bridge para se atrasar tinha chocado de tal forma com a minha tendência para me raspar cedo demais que nos tínhamos desencontrado por completo.

— Meu Deus, Bridge, tu estás bem!? Estás no hospital? Liguei-te só para me queixar dos meus problemas enquanto tu estavas, sei lá, em pleno trabalho de parto?

— Eu não estou em trabalho de parto *ativo* — protestou ela. — O romper das águas não é como nos filmes, onde é tudo, tipo, «*Splash*, gritar, *uóuóuóuó*, ofegar, bebé.»

O pormenor não era importante, mas foi mais forte do que eu.

— *Uóuóuóuó?*

— Era uma ambulância. Era a minha incrível e precisa imitação de uma ambulância.

O pormenor continuava a não ser importante. Mesmo assim, foi mais forte do que eu:

— Não seria mais um *tinónitinóni*?

— As ambulâncias não fazem *tinónitinóni* há anos. Seja como for, a questão é que, depois de as águas rebentarem, geralmente passa um ou dois dias até ao parto em si…

— A parte do *uóuóuóuó*?

— Sim.

Eu ainda estava a sentir-me um pouco merdoso por lhe ter ligado.

— Ainda me sinto um pouco merdoso por te ter ligado.

— Bem, não sintas. Adoro continuar a ser a tua pessoa.

— O Oliver não devia ser a minha pessoa agora?

— Amor é amor, Luc — disse ela —, e pessoas são pessoas.

Estava a tornar-se cada vez mais claro que eu tinha cometido um erro profundo e irreparável com uma das minhas pessoas. Infelizmente, a outra pessoa estava a dormir o sono dos racionais no andar de cima e provavelmente não havia de dar pela minha ausência para me vir resgatar. A culpa era minha e o problema também.

— A sério — tentei de novo. — Não é nada de mais. Só me passei um bocadinho, já passou, eu…

— Não é por causa de amanhã? — perguntou ela. — Não estás a ter dúvidas por causa de amanhã!

— Não.

— Isso é o teu monossílabo das mentiras. Não acabei de te dizer que não me mentisses?

Deixando-me cair para o lado, afundei a cara nas almofadas do sofá.

— Sabes como é, eu não tenho jeito para… tipo, decisões, maturidade, responsabilidade, futuro, vidas pequenas que dependem de mim, esse tipo de cenas.

— Lucien Havelock O'Donnell, tu…

— Espera lá. — Desafundei brevemente a cara. — Havelock?

— Bem, se não tens um nome do meio, então,… tu… é-te dado um e pronto.

— Não, nada disso. Isso não existe. Nunca existiu.

No típico estilo da Bridge, ela ignorou-me.

— Lucien Havelock O'Donnell, não me vais estragar tudo.

Okay, eu estava oficialmente a sentir-me pelo menos dois por cento menos culpado.

— Hum, o que é que queres dizer com esse *me*?

— Há anos que quero que tu e o Oliver façam isto. E já que nos desiludiram a todos por não se casarem…

— Bridge, vá lá. Fizemos o que era certo para nós.

— Mas eu sempre sonhei ir ao teu casamento.

— E *foste* ao meu casamento — frisei.

— Sim, mas tu *não*.

— E foi o dia mais feliz da minha vida. Agora, por favor, voltas a dormir e…

— Tarde demais. Já estou levantada.

— Disseste-me que já estavas levantada.

— Estava a mentir. — Era incrível como a Bridge conseguia soar tão segura de si, mesmo ao admitir que tinha feito algo errado. — Mas não conta porque não foi a respeito de nada de *grave* como «Estou a pensar não fazer uma coisa que a minha *melhor amiga* quer que eu faça há *anos* e agora estou a tentar nem sequer lhe *dizer* e…» — Percebi, com grande desconforto, que era capaz de ouvir sons de coisas a arrastarem-se e a mexerem-se.

— Bridge… Estás a calçar os sapatos?

— Vou aí ter contigo.

Eu ia dizer *Mas estás grávida*, mas deixei esta objeção de parte por motivos de desumanização e provável misoginia.

— Vens?

— Sim. Encontramo-nos na Ponte do Milénio.

— É que nem sonhes.

— Mas é a nossa *cena*. É aquilo que nós *fazemos*.

— Fizemos isso uma vez. Foi há anos.

Um silêncio confuso ficou a ecoar brevemente na linha.

— Não foi nada.

— Foi antes da pandemia. Já passaram anos.

— Porra. — A Bridge parecia genuinamente perturbada. — Meu Deus, Luc, estamos *velhos*. Perdemos a nossa juventude para um vírus.

— Acho que já tínhamos perdido a nossa juventude porque já não éramos jovens.

Por um ínfimo instante, pensei que tinha conseguido dizer qualquer coisa que não fosse terrivelmente contraproducente.

— Então, *temos* de fazer isto! — exclamou a Bridge. — Temos de fazer isto pelas pessoas que éramos.

— A pessoa que eu costumava ser era um cretino.

— E eu adorava esse cretino. Quero voltar a ver esse cretino.

— Que tal — sugeri desesperadamente — eu deixar-te ver esse cretino depois de teres o teu bebé?

— Não havia de ser a mesma coisa.

— Havia, sim. Os cretinos mudam muito pouco. É a especialidade deles, figurativa e literalmente.

— Vou chamar um táxi.

— Não chames um táxi. Por favor, não chames um táxi.

— Chamei um táxi.

Não havia a mínima hipótese de isto acabar bem. E não havia a mínima hipótese de não ser culpa minha.

— Mas as tuas águas rebentaram.

— E se eu começar a ter um bebé na ponte, podes levar-me a correr para o hospital no outro lado da cidade numa viagem de loucos.

— Diz-me que isso não vai acontecer.

— Claro que não vai acontecer.

— *Okay*, agora estás a fazer-me sentir que vai mesmo acontecer.

— Então — disse ela com uma voz triunfante —, é melhor vires ter comigo, ou vou ter de dar à luz sozinha numa ponte às três e dois da manhã.

— Olha — disse eu. — Eu sei que és uma mulher independente e capaz de tomar as suas próprias decisões, mas isto parece-me uma decisão muito, muito má.

— Temos pena. Deves-me pelo menos uma.

— Como assim, devo-te pelo menos uma?

— Primeira, saíste com o Oliver sozinho, apesar de todas as minhas tentativas de vos juntar. Segunda, baldaste-te ao teu próprio casamento, que eu estava mesmo desejosa de presenciar. Terceira, optaste por uma união de facto por, e passo a citar, «motivos legais» e nem me deixaste ser tua testemunha. Quarta, estás a pôr em risco o próximo passo do meu Plano da Felicidade Eterna Luc e Oliver.

— Espera lá — disse eu. — O quê? Que plano vem a ser esse?

— O táxi já chegou. Adeusinho!

Foi só depois de uns vinte minutos sentado sozinho num táxi, e a dar conta de que ia ficar ali durante pelo menos outros vinte, que finalmente percebi que já não estava na minha fase de *pular espontaneamente para dentro de um táxi como a Carrie Bradshaw*, mas sim na fase de *viver nos subúrbios e ter um relvado*. E, pensando bem, o facto de a Carrie Bradshaw ser o meu ícone de juventude, liberdade e solteirice problemática queria dizer que eu estava definitivamente na minha fase de *velho demais para estas merdas*. Assim como, ironicamente, a própria Carrie Bradshaw, a julgar pela série *And Just Like That…*

Depois de pagar as cinquenta libras (incluindo gorjeta) necessárias para ir de Havering ao centro de Londres num tempo razoável, mas a horas irrazoáveis, saí apressado do táxi, ligeiramente aliviado por pelo menos ter chegado primeiro e não ter deixado a minha amiga grávida plantada à espera numa atração turística londrina ventosa quando ela devia estar a descansar na sua cama.

Enquanto esperava, entretive-me a olhar para o Tamisa, que, tal como eu, parecia muito mais bonito à noite. Uma altura em que, em vez de ser o esgoto cinzento e lamacento do país, se transformava num espelho cintilante de luzes coloridas e possibilidades refletidas. Pronto. Para dizer a verdade, não tinha nada que ver comigo. E, enquanto olhava, pus-me a pensar em todas as maneiras como poderia ter lidado melhor com a situação. Podia não ter ligado em pânico à Bridge por causa de uma coisa que eu começava a lembrar-me de que era trivial. Podia ter-me esforçado mais para a dissuadir deste plano objetivamente

terrível. Podia ter contado ao Oliver, mas isso teria sido confrangedor, ou ao Tom, mas isso teria sido patriarcal. Eu podia simplesmente ter sido menos uma trapalhada em geral. Sempre. Tipo, a vida inteira.

— Luuuuuc! — gritou a Bridge.

E eu virei-me para a ver sair, lentamente e de lado, de um táxi.

— Meu Deus — disse eu. — Pareces…

— Radiosa?

— Como se eu não te devesse ter arrastado até aqui às três da manhã — completei.

Com a ajuda do taxista, a Bridge acabou finalmente de sair do táxi.

— Vai ser bom para o bebé. Ar fresco. Novas experiências.

— Ele está dentro de ti. Qual é que vai ser a experiência?

— Eles experienciam toda a espécie de coisas. Sons. Vibrações. Música.

— Poluição — sugeri. — Fumo de escape.

— Ele vai crescer em Londres. Vai ter de se acostumar. Além do mais — a Bridge esqueceu-se de mim por um instante e virou-se para o taxista. — Ah, muito obrigada. Tenha uma excelente noite. — Virou-se novamente para mim. — Além do mais, isto é importante. Não podemos ter uma repetição do teu casamento. Eu não aguento passar por isso outra vez.

— Bridge — disse eu com a maior firmeza que me foi possível, tendo em conta quão profundamente enganado eu estava —, é só um cão. Vamos arranjar um cão. As pessoas estão sempre a fazer isso, muitas vezes de forma bastante irresponsável.

Os olhos dela, sempre bastante arregalados, arregalaram-se ainda mais.

— Não é só um cão. Vocês vão alargar a vossa *família.*

Avesso a compromissos, o meu coração afixou nas minhas costelas um bilhete a dizer *Isto até foi divertido* e fez o possível para se escapulir pelo meu traseiro.

— Numa escala de um para um — perguntei —, qual é que achas que foi a utilidade disso?

— Desculpa. Eu sei que ficas com medo e pensas que és uma pessoa horrível e que vais ser um fracasso como papá de um cachorro, mas aquele cachorrinho está a contar contigo.

Soltei um uivo a sério.

— Ainda não estás a ajudar.

— Não estou a tentar ajudar. — Tendo-se posicionado subtilmente ao alcance dos meus dedos, a Bridge aproveitou a oportunidade para me espetar um dos dela nas costelas. — Da última vez que tentei ajudar, não te casaste.

— Era a coisa certa a fazer — lembrei-lhe.

— E a coisa certa a fazer agora é… — Ela parou, parecendo momentaneamente aflita.

— Bridge?

— Está tudo bem. Foi só uma contração.

Encarei-a de uma forma que tentava equilibrar a preocupação com o seu bem-estar com a preocupação com quão terrivelmente todos me haviam de matar se a Bridge tivesse um bebé numa ponte.

— Uma pequena contração — disse-me ela. — Acontece. Ainda deve demorar bastante até se tornar sério.

A minha expressão de preocupação pendeu bruscamente na direção de *quão terrivelmente todos me haviam de matar*.

— O melhor para ti e para o Oliver agora — a Bridge voltou de imediato ao tema do cachorro — é adotarem um cão. Um cachorrinho adorável que acabará literalmente por ser abatido se vocês não o levarem para casa amanhã e lhe derem muito amor.

Jesus Cristo.

— Ninguém vai matar cachorrinhos. Eles apenas lhe hão de encontrar um novo dono. Um dono melhor. Que seja melhor.

— E o Oliver? — perguntou a Bridge, que recomeçara a espetar-me um dedo nas costelas agora que aquela contração, definitivamente tranquila e sem problemas, tinha passado. — Vais impedir o Oliver de ter um cachorrinho? Consegues imaginar como ele havia de ficar lindo com um cachorrinho?

— Já o vi com vários cachorrinhos — disse eu. — Tens de interagir com os bichos antes que te deem um. E ele fica muito bem.

Era mentira. Ele ficava mesmo muito bem. Parecia um daqueles cartazes a tentar convencer-nos a adotar um cão de um abrigo.

— Vais partir-lhe o coração — disse a Bridge. — E matar um cachorrinho.

Encostei-me ao gradeamento da ponte e cobri a cara com as mãos.

— Sabes, podíamos ter resolvido isto por telefone.

— Não teria sido tão eficaz. Vais buscar aquele cachorrinho, Luc, quer queiras quer não.

— Tenho quase a certeza de que isso é exatamente o oposto do conselho que eles dão a respeito de ter um cão.

— É um conselho para pessoas normais. Isto é um conselho para *ti*.

— Hum — disse. — Obrigado?

— A questão é — continuou a Bridge, implacável como um relógio a contar os últimos segundos da vida de um cachorrinho indesejado — que tu não pensas que *não queres* um cachorrinho. Tu *queres* um cachorrinho. Vocês os dois querem um cachorrinho. Vocês querem tanto um cachorrinho que não adotaram um durante a pandemia para ter a certeza de que estavam a adotá-lo pelos motivos certos.

— Isso foi mais o Oliver — admiti. — O mais provável é que eu simplesmente tivesse agarrado num no supermercado na esperança de que viesse com um rolo de papel higiénico *Scottex*.

A Bridge fez um gesto triunfante. Ou melhor, as investidas com o dedo adquiriram um ar triunfante. Então, ela pareceu sentir de novo uma dor.

— Desculpa, foi outra. Mas ainda está tudo bem.

— Tenho quase a certeza de que não está tudo bem, Bridge.

— *Está* tudo bem. Só estás a tentar mudar de assunto.

— Não estou a tentar mudar de assunto. Tu vais mesmo ter um bebé.

— Luc. — Ela suspirou, algo que eu lhe dera oportunidade para praticar bastante ao longo dos anos. — Isto é tão típico de ti. Dizes *qualquer coisa* para não teres de falar sobre os teus sentimentos. Ligaste-me porque estavas com receios associados a cachorrinhos. Esta conversa vai continuar a ser sobre receios associados a cachorrinhos.

— Mas… — ainda tentei.

— Talvez eu esteja disposta a admitir — continuou ela, determinada —, talvez, que tu e o Oliver sabiam o que estavam a fazer em relação ao casamento. Mas isto é diferente.

— Como? — perguntei com um tom de súplica. — Posso estar a cometer um erro terrível. Posso estar a cometer um erro terrível com a vida de outra pessoa… criatura… cão.

— Exatamente.

Levantei a cabeça das mãos para lhe lançar a minha melhor expressão de *mas que porra?*

— Como assim, *exatamente*? Isto não é uma situação para um *exatamente.*

— É *exatamente* uma situação para um *exatamente*. Quando te estavas a passar por causa do casamento, era porque não querias casar. Estás a passar-te por causa de um cachorrinho porque achas que vais ser um péssimo dono de cachorrinho.

— E *vou* ser um péssimo dono de cachorrinho — insisti. — Sou preguiçoso, egoísta, distraio-me facilmente, sou um frouxo. Nem sei bem o que quer dizer *frouxo*, mas sei que o sou.

— Não és frouxo coisa nenhuma. — A Bridge fez uma pausa. — Não deves ser. Eu também não sei muito bem o que isso é.

— Bem, é claramente alguma coisa que as pessoas não deviam ser. — Talvez eu estivesse a desviar-me do assunto. — Senão, não havíamos de ter uma palavra para isso. Uma palavra negativa. Uma palavra que significa que, se és frouxo, não devias ter um cão.

Retirando o dedo que estava a espetar-me nas costelas, ela deu-me uma palmadinha consoladora.

— O Oliver não tem nada de frouxo. Ele é extremamente o oposto. — Era verdade. O Oliver era tudo menos frouxo. — E tu tens outras qualidades. És meigo, carinhoso e divertido. Os cachorrinhos precisam de diversão. E, o mais importante, estás disposto a aprender. As pessoas que se envolvem nas coisas à espera de serem ótimas nelas geralmente são as piores pessoas para se envolver nessas coisas. Quer dizer, achas que eu acho que vou ser uma ótima mãe?

— Tu *vais ser* uma ótima mãe.

— Eu sei, mas vou deixar que aconteça naturalmente. Não estou a achar que vou ser. A ideia é essa.

Eu já não sabia dizer se me sentia melhor ou pior por ter tido esta conversa. O que, temos de dar esse crédito à Bridge, me impediu de me preocupar com o facto de eu e o Oliver irmos buscar um cachorrinho

na manhã do dia seguinte. Um cachorrinho para cuja chegada o Oliver se tinha preparado a fundo, enquanto eu mal me havia preparado à superfície. Para ser honesto, eu provavelmente ainda estava no vestiário. Por exemplo, dos nove livros sobre cães que o Oliver tinha comprado, eu tinha lido as três primeiras páginas de um deles. E se esse era o tipo de dono de cachorrinho que eu ia ser, o que é que isso dizia a respeito da minha capacidade para… quer dizer, que esperança tinha eu de ser um bom…

— Luc — disse a Bridge com uma voz um pouco estranha.

— Que foi? — perguntei, ainda a refletir sobre as minhas inadequações caninas e as inadequações mais do que caninas que elas poderiam ou não implicar.

— Estás a ver, tipo, quando te disse que garantidamente não ia entrar em trabalho de parto?

Não gostei do rumo que as coisas estavam a tomar. Não gostei por mim, porque era horrível ter colocado a minha melhor amiga numa situação destas. Mas, principalmente, não gostei pela Bridge, porque era horrível ter sido colocada *pelo* seu melhor amigo numa situação destas.

— Estás a dizer isso para me assegurar de que continua a ser esse o caso, certo?

— Bem — respondeu-me ela. — É o seguinte. — Ah, porra. — Acho que posso estar a entrar em trabalho de parto.